

# MAGALHÃES E ELCANO

## E A EXPLORAÇÃO DAS PACÍFICAS ÀS ÍNDICAS ÁGUAS



Coordenação

Vítor Gaspar Rodrigues | Ana Paula Avelar



ACADEMIA DE MARINHA





**MAGALHAES**  
500 ANOS DA CIRCUM-NAVEGAÇÃO



# MAGALHÃES E ELCANO

## E A EXPLORAÇÃO DAS PACÍFICAS ÀS ÍNDICAS ÁGUAS



Coordenação

Vítor Gaspar Rodrigues e Ana Paula Avelar



Academia de Marinha

## Ficha técnica

**Título:** Magalhães e Elcano e a exploração das Pacíficas às Índicas águas

**Coordenação:** Vítor Gaspar Rodrigues e Ana Paula Avelar

**Edição:** Academia de Marinha, Lisboa

**Assessor de edição:** José Manuel Maia

**Organização e revisão:** Afonso Ferreira Cardoso, António Rocha de Freitas,  
Paulo Dias, Sónia Aires Lima

**Comissão Científica:** Ana Paula Avelar  
António Costa Canas  
João Telles e Cunha  
Jorge Semedo de Matos  
Jose Manuel Nuñez de la Fuente  
Juan Manuel Santana  
Judite Mendonça do Nascimento  
Vítor Gaspar Rodrigues  
Juan Marchena Fernandez †

**Capa:** : Pormenor do Atlas Lopo Homem - Reinéis, 1519, in Bibliothèque Nationale,  
Paris - Fol. 3V, dto

**Data:** Novembro 2022

**Tiragem:** 200 exemplares

**Impressão e acabamento:** ACD PRINT, S.A.

**ISBN:** 978-972-781-169-4

**Depósito legal:** 507378/22

PARCEIRO INSTITUCIONAL



COLABORAÇÃO DE:



## ÍNDICE

<b>Prefácio</b>	IX
Francisco Vidal Abreu	
<b>Introdução</b>	XI
Ana Paula Avelar	
Vítor Luís Gaspar Rodrigues	
<b>I – DOS OCEANOS, DA FAUNA E DA FLORA</b>	
<b>O descobrimento do Oriente pelos portugueses no tempo de Fernão de Magalhães</b>	17
José Manuel García	
<b>The Italian Pacific and Indian Oceans: Pigafetta and his Audience in the Construction of Oceanic Spaces</b>	39
David Salomoni	
<b>Islas del Pacífico en el viaje de Magallanes y Elcano</b>	57
Juan Manuel Santana Pérez	
<b>Aspectos antropológicos y biológicos de la Primera Vuelta al Mundo</b>	71
Marta Méndez López de Bustamante	
<b>A Expedição Magalhães-Elcano e a busca europeia das especiarias</b>	103
Marília dos Santos Lopes	
<b>II – DA NAÚTICA, CARTOGRAFIA E ARTE DE NAVEGAR</b>	
<b>Os Navios Europeus dos Séculos XV e XVI</b>	129
Filipe Castro	
<b>La Sanlúcar de Barrameda que conoció Magallanes en las páginas de Antonio Pigafetta</b>	151
Manuel J. Parodi Álvarez	
<b>Las derrotas de la expedición Magallanes-Elcano</b>	169
José Ramon Vallespin	
<b>As longitudes determinadas por André de San Martin durante a viagem e as suas consequências</b>	183
José Manuel Malhão Pereira	

<b>Método das distâncias lunares comparação das propostas de Werner e Faleiro</b> António Costa Canas Carlota Simões	209
<b>Decisiones controvertidas (polémicas) de D. Fernando magallanes</b> José Blanco Nuñez	231
<b>Nuno da Silva, el piloto olvidado</b> José María Moreno Madrid	239
<b>La transformación de mar en océano en los primeros mapas del Pacífico (1519-1529)</b> José María Moreno Martín	251
<b>La Expedicion Magallanes-Elcano en la Patagonia: Sus actividades en Puerto San Julian – Provincia de Santa Cruz – Republica Argentina</b> Roberto Fernandez Oswaldo Canosa	267
<b>O ano de 1521 e a navegação entre Cebu (Filipinas) e Tidore (Molucas)</b> Adelino Rodrigues da Costa	281
<b>III – DOS AGENTES E DA SUA AÇÃO</b>	
<b>A rivalidade luso-castelhana em perspectiva. Histórias cruzadas de exploração dos mares no século XVI</b> Amândio J.M. Barros	311
<b>La amistad de Carlos I, rey de Castilla, con Tuan Maamud, señor de Poloan</b> Susana García Ramírez	329
<b>Uma consequência indirecta da circum-navegação de Magalhães-Elcano? Linschoten e os roteiros ibéricos Pacífico-Índico (1583-1596)</b> Nuno Vila-Santa	341
<b>Magalhães e Elcano e a Exploração das “Pacíficas às Índicas águas”</b> João Abel da Fonseca	367
<b>No esteio de Fernão de Magalhães: Um relato em português da viagem de Miguel López de Legazpi (1564-1565)</b> João Teles e Cunha	401

#### IV – DO ENCONTRO DE CULTURAS

<b>Portugueses, Espanhóis e Molucanos: guerra e práticas militares nas ilhas Molucas (1511-c.1540)</b> Vitor Luís Gaspar Rodrigues	421
<b>Influências europeias e asiáticas Na artilharia portuguesa dos séculos XV e XVI</b> Fernando Gomes Pedrosa	435
<b>Food and Diplomacy in the Philippines During the Magellan-Elcano Expedition</b> Felice Prudente Sta. Maria	461
<b>History and Mythology in Homonhon, the Magellan-Elcano Expedition's First Landing Site in Asia</b> George Emmanuel R. Borrinaga	479
<b>As ilhas Molucas como espaço de disputa e partilha na escrita da História do séc. XVI</b> Ana Paula Menino Avelar	491
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b>	503



# A EXPEDIÇÃO MAGALHÃES-ELCANO E A BUSCA EUROPEIA DAS ESPECIARIAS

Marília dos Santos Lopes<sup>1</sup>

## Resumo

A expedição comandada por Fernão de Magalhães ao serviço da coroa espanhola constituiu um marco decisivo, não só em termos económicos, como no que respeita ao conhecimento dos oceanos, da fauna e da flora.

O presente artigo procura abordar o contributo da viagem de Magalhães-Elcano na busca das especiarias. Tendo em especial atenção a produção europeia sobre a expedição e os seu efeitos, com particular incidência sobre a recepção veiculada no Sacro Império Romano-Germânico, e com base em diferentes fontes, como relatos de viagens, crónicas ou mapas, procura-se definir de que modo o conhecimento sobre o mundo natural índico usufruiu da expedição magalhânica para a construção de uma nova suma do saber botânico.

**Palavras-chave:** Fernão de Magalhães; humanismo; especiarias; botânica; Sacro Império Romano-Germânico

## Abstract

The expedition led by Fernão de Magalhães on behalf of the Spanish crown represented a decisive milestone, not only in economic terms, but also in terms of knowledge about the oceans, fauna and flora.

This essay seeks to address the contribution of Magalhães-Elcano's voyage in the quest for spices.

Taking European literature concerning the expedition and its repercussions into special consideration, with a particular focus on the reception by the Holy Roman-Germanic Empire, based on different sources, such as travel reports, chronicles and maps, we aim to define how knowledge of the natural Indian world benefited from the Magellanic expedition to build a new body of botanical knowledge.

**Keywords:** Fernão de Magalhães; humanism; spices; botany; Sacred Roman-Germanic Empire

---

<sup>1</sup>Professora associada com agregação da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa. Doutorada em História pela Universidade de Bamberg, Alemanha. marilialopes@ucp.pt

## I

Em 1532, dez anos depois do regresso da Expedição Magalhães-Elcano, vem a lume um mapa (Fig. 1), cujas margens se revelam amplamente decoradas, entres outros elementos, com especiarias.<sup>2</sup> Assim, numa intencional tentativa de representar a flora e a fauna recentemente descobertas, as principais especiarias, em particular, pimenta, noz-moscada e cravo, adquirem um lugar de destaque na conceptualização de uma renovada visão do mundo. Símbolo de um crucial e imediato saber, as especiarias constituem um dos mais requisitados produtos, considerados, assim, de importância e aceção no comércio internacional, mas também na compreensão de uma nova visão do mundo, cabendo à viagem de Magalhães-Elcano concluir um ciclo de expedições e explorações capaz de fornecer um substancial banco de dados sobre o mundo natural, a sua aparência e valor.



Fig. 1: Mapa: Typus Cosmographicus Universalis

[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Grynaeus%27s\\_Novus\\_Orbis\\_Regionum.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Grynaeus%27s_Novus_Orbis_Regionum.jpg)

Neste contexto, este mapa poderá ser entendido não só como atributo de uma decisiva descoberta, mas igualmente como símbolo da receção das relações comerciais e culturais de uma Europa interessada pelas viagens marítimas aquando da primeira circunavegação realizada por Fernão de Magalhães (1480-1521) e Juan Sebastián Elcano (1486/1487-1526). Assim, e se este mapa cartograficamente não representa novidade,

<sup>2</sup> MUNSTER, Sebastian (ed.); GRYNÆUS, Simon - Mapa *Typus cosmographicus universalis*.

até pelo contrário se revela pouco atualizado nas suas informações, o certo é que ele é bem o espelho da aceitação e do interesse dos homens coevos pelas novidades do globo e, em especial, das novas águas e terras no Oceano Índico e no recém-descoberto Oceano Pacífico, tornando visível o que Carsten-Peter Warncke designou de "imagens falantes"<sup>3</sup>, dando, por isso, grande destaque às especiarias, tornando-as símbolo representativo do *Novus Orbis*.

Neste sentido, e olhando para os editores deste mapa, poder-se-á constatar que estamos perante individualidades de grande renome e notoriedade na *intelligentsia* europeia. Com efeito, o mapa vem a lume numa obra editada por Sebastian Münster (1488-1552) e Simon Grynaeus (1493-1510), e na sua feitura terá colaborado o reconhecido pintor: Hans Holbein (1497/98-1543). Tanto Sebastian Münster como Simon Grynaeus fazem parte de um respeitado e estimado círculo de humanistas alemães, tendo com os seus trabalhos edições de fontes clássicas, mas também de novas coletâneas de textos sobre as novas viagens, contribuindo decididamente para colocar as edições alemãs na rede de produção e circulação do saber coetâneo. No que respeita a Hans Holbein, a sua ligação ao humanismo, e a alguns humanistas em particular, é manifesta quando se atesta a sua colaboração como ilustrador em obras como a *Utopia* de Thomas More (1478-1535), ou o *Elogio da Loucura* de Erasmo de Roterdão (1466-1536).<sup>4</sup>

Sebastian Münster, um distinto e célebre nome do humanismo quinhentista, consagrou-se, entre outros saberes, no da cartografia. Em primeiro lugar, como grande editor e interprete das obras de Ptolomeu, mormente a *Geographia* de Ptolomeu, em 1540, que irá publicar com doutos e sábios comentários na esteira humanista. Na sua edição do ilustre geógrafo alexandrino, introduz referências, autores, bem como novas tabulas, em que se procuram desenhar as novas descobertas acerca de um *Novus Orbis* onde, não obstante as inúmeras dificuldades em representar cartograficamente partes do novo mundo recentemente descoberto, não se deixa de nomear expressivamente, e pela primeira vez, o Estreito de Magalhães (Fig. 2).

Sebastian Münster verá ainda o seu nome associado a uma obra que irá determinar os parâmetros e padrões da cartografia durante várias décadas: *Cosmographia*. Esta obra editada de 1544 a 1628 em diferentes cidades da Europa e em diversas línguas europeias, irá constituir um decisivo marco do conhecimento geográfico do mundo coevo.<sup>5</sup> Uma característica pouco usual, mas de grande valor e mérito, é o facto de que a obra

<sup>3</sup> Veja-se WARNCKE, Carsten Peter – **Sprechende Bilder- sichtbare Worte. Das Bildverständnis in der frühen Neuzeit.**

<sup>4</sup> Cf. KRISTELLER, Paul O.; KESSLER, Eckhardt - **Humanismus und Renaissance**; MOSER, Fernando de Mello - **Tomás More e os caminhos da perfeição humana**; MORUS, Thomas - **Utopia: Estudo introdutório à Utopia Moriana** por MARTINS, José V. de Pina; MOUT, Marianne E. H. N. - **Die Kultur des Humanismus**; LOPES, Marília dos Santos; HANENBERG, Peter – A Herança Clássica, os Descobrimentos Portugueses e o Humanismo Alemão, pp. 291-302.

<sup>5</sup> Sobre Sebastian Münster, BURMEISTER, Karl Heinz - **Sebastian Münster**; WESSEL, Günther - **Von einem, der daheim blieb, die Welt zu entdecken die Cosmographia des Sebastian Münster oder wie man sich vor 500 Jahren die Welt vorstellte**; LOPES, Marília dos Santos - **Da descoberta ao saber. Os conhecimentos sobre África na Europa dos séculos XVI e XVII**, pp. 150-161 e LOPES, Marília dos Santos – Building knowledge. Sebastian Münster and his Cosmography, pp. 178-194.



Fig. 2: Münster, Tabula Novarum Insularum, 1540

[https://de.wikipedia.org/wiki/Sebastian\\_M%C3%BCnster#/media/Datei:Munster\\_Tabula\\_Novarum\\_Insularum\\_1540\\_UTA.jpg](https://de.wikipedia.org/wiki/Sebastian_M%C3%BCnster#/media/Datei:Munster_Tabula_Novarum_Insularum_1540_UTA.jpg)

ter sido sempre ampliada, e acrescentada consoante a chegada de novas informações, revelando-se, por conseguinte, um insubstituível e imprescindível compêndio do saber. Não obstante as falhas e erros que um trabalho deste género trazia, como o comprova a conhecido debate com Damião de Góis (1502-1574) sobre erróneas informações acerca de Portugal,<sup>6</sup> em que, entre outros, participou o banqueiro e letrado Jacob Fugger (1459-1525), este instrumento de recolha e ordenação de informações sobre o orbe terráqueo tornou-se como que um *best-seller* de publicações, tal o seu impacto e difusão pelo mundo das letras europeu.

Também a obra de Simon Grynaeus, *Novus Orbis* constitui um representativo e emblemático exemplo do acolhimento de informações sobre novos mundos descobertos por nautas ávidos em desbravar novos horizontes e abrir novas eras ao mundo. Na verdade, trata-se em parte da reedição dos textos publicados, em 1507, por Francanzano Montalbboldo na sua antologia: *Paesi novamente retrovati*. Uma antologia onde se reúnem os principais relatos sobre as viagens marítimas ao longo da costa ocidental africana, Índia e também sobre o *Novus Orbis*, mormente textos como os de Alvise Cadamosto, Cristovão Colombo, Amerigo Vespucci, ou a missiva do monarca D. Manuel I, a

<sup>6</sup> HANENBERG, Peter - Portugal and the Early Modern discourse on Europe, pp. 191-210.

que se reúnem outros relatos sobre o Oriente, como o do italiano Ludovico de Varthema (1470-1517), num intento de oferecer uma imagem mais abrangente e global do mundo.

Como salienta no seu prólogo, o médico de Nuremberga, um dos tradutores da obra, Jobst Ruchamer (1486-1515), é a novidade que esta antologia revela que o levou a vertê-la para a sua língua materna, novidade esta que, e esse o maior motivo de admiração e espanto, parecia provar uma manifesta falta de conhecimento por parte dos autores da antiguidade clássica.<sup>7</sup> Numa intrincada cadeia de edições, esta obra seria um pilar estruturante sobre as primeiras informações na Europa. Em italiano, francês, alemão, ou em latim, esta obra percorreu as redes e círculos de letrados, geógrafos, tradutores, editores como se pode certificar numa prodigiosa lista de edições. Assim, não será de admirar que Simon Grynaues tenha igualmente recorrido a esta coletânea de textos, confirmados repórteres da novidade, para uma reedição. Junta-lhe mais textos, e no seu prefácio alude às grandes surpresas, mas também aprendizagens, que a leitura de uma obra como esta pode manifestar para os seus leitores. A possibilidade de conhecer outros mundos, outras formas de viver revela-se como um guia, um manual de reflexão e de ensinamento, em sintonia com as obras de Erasmo de Roterdão.<sup>8</sup>

Importantes testemunhos na descoberta do indivíduo e do mundo, os relatos de viagens constituíram um repositório de dados sobre o mundo numa tradução global de conhecimento e as suas publicações revelavam-se um importante e essencial instrumento para a compreensão e produção de saber sobre a prosa do mundo presente em diferentes continentes e oceanos, tornando-se, por assim dizer, um pilar fundamental na produção do saber da Europa dos séculos XV a XVII.<sup>9</sup>

Se as viagens sempre foram um importante meio de intercâmbio cultural e de conhecimento, com a expedição de Magalhães e Elcano os conhecimentos geográficos, físicos e humanos, seriam amplamente reconhecidos pelas informações e novidades recolhidas e compiladas por uma expedição que se tornaria a primeira circunavegação ao orbe terráqueo.

Neste sentido, animados e encorajados pelas novidades que estes relatos transmitem, os autores não negligenciariam as novas reveladas, como já o humanista inglês, Thomas More, o tinha concretizado na sua *Utopia*, incorporando, rápida e habilmente, novas informações na sua ponderação sobre outros modelos para a sociedade europeia. Leitores e editores de relatos de viagens vão, por conseguinte, editar, traduzir e compilar, e também muitas vezes ilustrar, escritos que possam, pouco a pouco, ir informado sobre as novas circunstâncias acerca do globo e da sua humanidade,<sup>10</sup> como seja o relato do italiano Ludovico de Varthema (1470-71-1517) que, por isso, merece destaque neste mapa ao ser representado, inclusive designado com o nome, ao fundo do lado direito - o

<sup>7</sup> LOPES, Marília dos Santos - A novidade dos descobrimentos. pp. 267-271; LOPES, Marília dos Santos - Portugal e a visibilidade do mundo (sec. XV e XVI), pp. 101-116.

<sup>8</sup> LOPES, Marília dos Santos - Os Descobrimentos Portugueses e a Europa, pp. 233-241.

<sup>9</sup> LOPES, Marília dos Santos - Importing Knowledge: Portugal and the Scientific Culture in Fifteenth and Sixteenth Century's Germany, pp. 73-89.

<sup>10</sup> LOPES, Marília dos Santos - Para uma Suma do Saber: a Cultura do Humanismo no Renascimento, pp. 79-87.

autor, cujo relato Magalhães teria na mão, segundo o cronista espanhol Francisco López de Gómara,<sup>11</sup> ao falar do seu projeto ao então Carlos I de Espanha, futuro imperador Carlos V (1500-1558).

O bolonhês Ludovico de Varthema iria ter, com efeito, um papel fundamental na difusão e valorização da botânica oriental. As suas detalhadas e precisas descrições, como a que faz para a pimenta, enriquecem, sobremaneira, o seu relato de informes preciosos sobre esta temática.<sup>12</sup>

Nel territorio di Calicut si trovano molti arbori di pepe, e dentro della città ne sono ancora, ma non in molta quantità. Il piede di questi arbori è a modo d'una vite sottile, cioè piantata una pianta apresso qualche altro arbore, perché da se stesso non potria star dritto, sí come la vite. Questo arbore è molto simile e fa come l'edera, che si abbraccia e va tanto in alto quanto è il legno o arbore dove si possi abbrancare. La detta pianta fa gran quantità di rami, li quali sono di duoi o di tre palmi lunghi; le foglie di questi rami sono come quelle di aranci, ma sono piú asciutte, e dal reverso sono piene di vene minute. E per ciascuno di questi rami sono cinque, sei e sette raspi lunghi un poço piú d'un dito di uomo, e sono come è l'uva passa piccola, ma piú assettati, e sono verdi com'è l'agresta. E del mese d' ottobre lo raccolgono cosí verde, e raccogliesi ancora del mese di novembre, e poi lo mettono al sole sopra certe stuore e lo lasciano al sole per tre o quattro giorni, e diventa cosí negro come si vedde quivi da noi, senza farli altra cosa. E dovete sapere che costoro non potato mai e manco zappano questo arbori che produce il pepe.<sup>13</sup>

O seu carácter descritivo e informador, um dos primeiros relatos impressos sobre o Oriente, foi uma das razões para a larga recepção que conheceu na Europa. A vontade de conhecer “pessoalmente” e de ver outras regiões “com os seus próprios olhos”, como informa no prólogo, levou-o a partir para o Oriente. Ao anotar acerca das terras e gentes por onde andou, Varthema consagrará grande cuidado às espécies botânicas. Ludovico di Vathema que regressa à Europa com a armada de Tristão da Cunha irá, pois, compor um inventário da flora asiática, descrevendo as especiarias asiáticas, entre elas, o cravinho e a noz-moscada. Graças à ampla difusão deste escrito, os europeus poderiam tomar conhecimento da localização das ilhas de onde vinha o cravo-da-índia. A primeira edição do seu relato que se tornaria um êxito editorial viria a lume, em Roma, no ano de 1510. O *Itinerário* de Ludovico di Varthema conheceria até meados do século XVII trinta edições e ainda reproduções em coleções de viagens. Além das publicações na Itália, este relato de viagem sairia em língua espanhola (1520) flamenga (1544) francesa, (1556) inglesa, (1576) e alemã. Na Alemanha, a primeira edição, em Augsburg, data já de 1515, seguindo-se a reedição na colectânea de viagens de Simon Grynaeus (1534), em 1548, na cidade de Frankfurt e, cem anos depois da primeira edição, em Leipzig. É a riqueza

<sup>11</sup> LÓPEZ DE GÓMARA, Francisco - **Historia General de las Indias**, vol. I, p. 160.

<sup>12</sup> LOPES, Marília dos Santos - A Revelação das Plantas. Garcia da Orta, Carolus Clusius e as espécies asiáticas na Europa, pp. 11-27.

<sup>13</sup> VARTHEMA, Ludovico di - Itinerario di Lodovico Barthema in Arabia, in India e nell' Asia sudorientale.

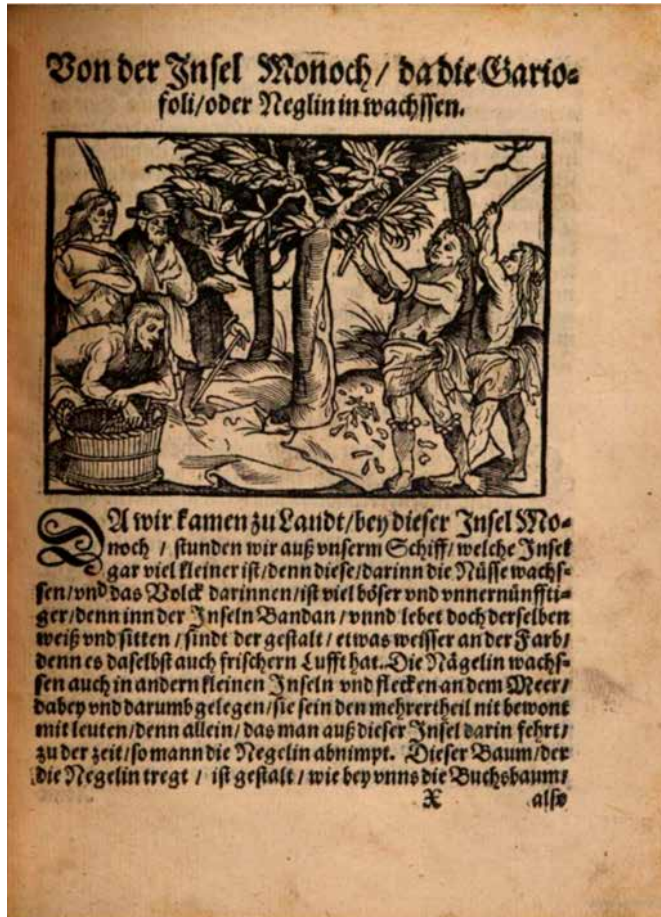


Fig. 3: Ludovico di Varthema, 1515

<https://daten.digital-sammlungen.de/0001/bsb00011589/images/index.html?fp=193.174.98.30&id=00011589&seite=1>

informativa do texto que leva Hieronimus Megiser, o autor desta última edição, a publicá-lo ainda em 1610.<sup>14</sup>

Já em 1515, ou seja, cinco anos após a primeira edição, o editor germânico trazia a lume o *Itinerário* de Varthema em língua alemã, criando a primeira tradução deste relato, enriquecido, segundo a tradição das edições no norte da Europa, com quarenta e seis ilustrações de renomados gravadores como, por exemplo, Jörg Breu, o Velho (1475/80-1537). Claramente, muitas destas gravuras têm como tema o mundo natural das regiões orientais, por certo, um dos principais motivos para a sua larga recetividade nos meios editoriais europeus. Neste contexto, destaca-se uma das gravuras em que representa justamente a apanha do cravo (Fig. 3), podendo-se observar que as árvores seriam varejadas

<sup>14</sup> LOPES, Marília dos Santos - Revelação das Plantas, pp. 15-17.

como se conhece, por exemplo, da apanha da azeitona, imagem rara e bem significativa deste interesse pelas Ilhas das Especiarias. O contributo de Varthema para o conhecimento do Oriente, e das especiarias em particular seria decididamente reconhecido e assegurado, não sendo, por isso, de surpreender que seja iconograficamente representado no mapa de 1532 como um dos “descobridores” deste mundo natural.

Neste sentido, o mapa *Typus Cosmographicus Universalis* é um exemplo perfeito para certificar como os humanistas não foram apenas guardiães da herança clássica, como muitas vezes se procurou ver, mas sim homens do seu tempo interessados em realizar uma suma do conhecimento.<sup>15</sup> Na crença de conhecer o mundo e a humanidade, os letrados europeus irão, como se sublinhou, reconhecer o mérito das relações de viagens. Estas vinham de encontro ao seu desejo de descrever fundamentadamente o orbe terráqueo nas suas recentes dimensões. Os nautas contemporâneos tinham avançando mais do que os seus antepassados, suscitando, por isso, a admiração de todos os coevos pelos seus feitos considerados insensíveis. Tendo ousado ir além dos Cabos Nãos, eles eram a prova do esforço humano em vencer, tornando-se exímios heróis do presente. Estes novos testemunhos seriam iguados às obras da Antiguidade Clássica. Enquanto os textos clássicos dariam a conhecer a visão do passado, a escrita de viagens informaria sobre a atualidade, pelo que ambos constituiriam uma preciosa suma de saber. Não sendo do conhecimento de autoridades clássicas, como o alexandrino Ptolomeu, os humanistas passam a falar da existência de um mundo extra-ptolomeu - inserido inicialmente nos apêndices das suas obras.<sup>16</sup> Como seguidores da cultura greco-latina, estes eruditos apoiam-se neste quadro de valores, sem, no entanto, fecharem os olhos aos dados atuais. E embora estivessem em jogo concepções e métodos científicos de natureza heterogénea, os dados adquiridos pela experiência sobreviveriam nos meandros da erudição, mas, com base neste compromisso, permitir-se-ia que as novas observações e dados fossem arquitetando uma transformação dos princípios vigentes.

Um dos exemplos mais categóricos desta postura metodológica são precisamente os trabalhos de Sebastian Münster. Com efeito, o geógrafo alemão edita a *Geografia* de Ptolomeu, onde ao lado do texto primário, acrescenta, como o exige o exercício heurístico, os seus comentários curiosamente repletos de dados da atualidade. Também a sua *Cosmografia*, a suma dos saberes coevos durante quase cem anos em cinquenta edições publicadas em toda a Europa, tem por escopo informar e apresentar a continuidade histórica das realidades geográficas. Tanto num como noutra escrito, Münster recorre à literatura de viagens, a fim de obter os dados mais recentes acerca dos novos mundos. Nomes como Alvise de Cadamosto, Damião de Góis, Francisco Álvares ou Duarte Lopes, entre outros, surgem nas páginas das suas obras; eles são as fontes por excelência para delinear os novos contornos geográficos e culturais.

---

<sup>15</sup> LOPES, Marília dos Santos - **Da Descoberta ao Saber**; WUTTKE, Dieter - **German Humanist Perspectives on the History of Discovery 1493-1534**.

<sup>16</sup> LOPES, Marília dos Santos - **Da Descoberta ao Saber**.



Sebastian Münster defende que:

[...] com que religião, com que usos, formas de governos, com que leis e instituições os povos da terra regeram a sua vida ou ainda hoje regem; que produções tem este ou aquele país; qual o destino que levou uma cidade a crescer, outra a retroceder; quão variável é a duração das coisas que, nos últimos séculos, surgiram novos usos e costumes e mais coisas novas, enquanto as antigas envelheceram; o que antigamente tinha valor, desvalorizou-se; que vacilante mudança reside em todas as coisas humanas cuja grandeza até se patenteia em governos de reinos ou países pequenos.

O interesse do célebre geógrafo é, por isso, conhecer: “a vacilante mudança de todas as coisas humanas”. Antigos e Modernos surgem, lado a lado, numa mesma representação do conhecimento, pois, a seu ver, só numa postura compiladora, se poderia reconstruir “o verdadeiro decorrer dos acontecimentos históricos”.<sup>17</sup> Daí o seu esforço de compilar tudo numa só obra, a fim de melhor poder perceber as mudanças no mundo.<sup>18</sup>

Neste exercício, os humanistas iriam suplantar o primeiro patamar do seu saber, reconhecendo a par e passo as novas informações e notícias consequentes da observação e da experiência como de maior valor e importância. Neste âmbito, a expedição de Fernão Magalhães-Elcano será, sobremaneira, um momento decisivo de reavaliação e reformulação de uma nova imagem geográfica e humana do orbe terráqueo. Uma das primeiras referências cartográficas à expedição de Fernão de Magalhães será introduzida no mapa *Novae Insulae* de Sebastian Münster, publicado, em 1540, na *Geographia universalis vetus et nova*, como vimos, uma reedição da *Geographia* de Cláudio Ptolomeu. De acordo com relatos dos cronistas e viajantes europeus, assinalar-se-á o Estreito de Magalhães (Fretum Magaliani) e fazer-se-á menção, pela primeira vez, ao “Mare Pacificum” (Fig. 2). Intentando incorporar e anexar as “novas novidades” da expedição em mapas ou escritos, os humanistas irão, com os seus trabalhos, conceder maior visibilidade aos feitos alcançados e, assim, cooperar e contribuir para a sua propagação e vulgarização nos círculos de culturais europeus.

<sup>17</sup>In: **Briefe Sebastian Münsters**, pp. 164-165; tradução nossa.

<sup>18</sup>Numa carta ao rei da Polónia, Sebastian Münster escreve: “Neste nosso trabalho não só nos esforçamos por apresentar o quadro completo da antiguidade tal como nos parece hoje, pelo menos a partir dos monumentos, que costumes os povos outrora tiveram, que ritos, que religiões, que ordem militar, estatal e doméstica; para retratar os primórdios das cidades e como cresceram, o que pareciam, como foram os primeiros começos, progresso, ascensão e queda das monarquias e dos reinos, que convulsões ocorreram entre os povos e nos reinos, não! Com a mesma diligência, este nosso trabalho também apresenta todos os acontecimentos mais recentes, ou pelo menos menciona-os de alguma forma, na medida em que foi necessário, tendo em vista o nosso breve trabalho. Porque não deve tudo ser resumido num só volume? A posição dos céus e da terra é imutável, os rios, lagos e outros corpos de água permanecem inalterados, em muitos deles até os nomes antigos foram preservados até hoje, mas nos hábitos e em toda a vida do homem ocorreu e continua a ocorrer uma mudança tão grande que hoje uma comparação com o tempo antigo revela um século completamente novo na terra: tão mutável e inconstante é o homem em todas as suas obras. Na minha opinião, portanto, nenhum relatório é mais útil e desejável do que um que mostre como a antiguidade poderia mudar na história humana. Desta inconstância de coisas também se pode julgar quão incerto é tudo o que os homens na terra admiram entre os homens como eterno e eterno”. In: **Briefe Sebastian Münsters**, pp. 169-171; tradução nossa.

## II

Fernão de Magalhães era um homem com larga experiência náutica e militar quando apresenta o seu projecto em Espanha. Tendo realizado numerosas viagens marítimas e campanhas militares quer no Oriente, quer no Norte de África, o nauta português adquirira um decisivo manancial de conhecimentos sobre a navegação oceânica e a geografia do império português, saber este que tinha adquirido no convívio com pilotos, cartógrafos, entre outros, tendo assim um atualizado e vasto horizonte de saber sobre os novos espaços explorados pelos portugueses.<sup>19</sup>

Uma expedição como a que Fernão de Magalhães pretendia levar a cabo não se poderia, todavia, realizar sem substanciais financiamentos, pelo que Fernão de Magalhães irá procurar esse apoio junto do soberano espanhol e de outros possíveis financiadores, como é o caso do mercador e armador burgalês Cristóbal de Haro (14?-1541). Este fortemente interessado em alcançar as Ilhas das Especiarias, veria em Magalhães o homem indicado para o fazer. Segundo Rui Loureiro:

Não é de todo impossível que Cristóbal de Haro – que coincidentemente também abandonou Portugal na mesma conjuntura, igualmente insatisfeito com a resposta de el-rei D. Manuel às suas solicitações – fosse o primeiro responsável pela partida de Fernão de Magalhães para Espanha, como de resto já foi sugerido. O financeiro e mercador burgalês, agora de participar nos ricos negócios asiáticos dos portugueses, seria o primeiro interessado em encontrar uma forma alternativa de aceder às ilhas das especiarias. E identificara Fernão de Magalhães como o homem certo para levar a cabo o projecto espanhol, acalentado há mais de duas décadas, de abrir uma rota ocidental para o Oriente. O que daria inteira razão a Juan Gil, que há anos viu «el viaje de Magallanes como un triunfo de la Banca burgalesa».<sup>20</sup>

Cristóbal de Haro não era, contudo, apenas um grande mercador, mas igualmente alguém que estaria em posse de informações sobre as expedições portuguesas e espanholas realizadas nas regiões mais meridionais do continente americano, estando o seu nome associado a expedições e empresas relacionados com o Brasil, como a levada a cabo pelo piloto João de Lisboa, em 1511-1512, ao rio da Prata, piloto que Fernão de Magalhães viria a conhecer e que o poderia ter informado sobre dados geográficos mais precisos sobre as regiões localizadas a sul do continente americano. Muitos destes pilotos ou mentores das expedições defendiam a existência de uma passagem para ocidente e que a distância até as Ilhas das Especiarias seria fácil de atingir,<sup>21</sup> informações estas que Fernão de Magalhães conhecia.

Além disso, é muito possível que Cristóbal de Haro tenha participado na expedição não só por sua própria conta, mas também como testa de ferro para os Fuggers. A carga

---

<sup>19</sup> Veja-se, por exemplo, GARCIA, José Manuel - **A viagem de Fernão de Magalhães e os Portugueses** e GARCIA - **Fernão de Magalhães: herói, traidor ou mito**.

<sup>20</sup> LOUREIRO, Rui - Fernão Magalhães em Portugal, p. 28.

<sup>21</sup> No impresso *Copia der Neuen Zeytung aus pressillg Landt*, texto que veio a lume em Nuremberga em 1515 e onde se relata precisamente a viagem de João Lisboa, menciona-se que, segundo o piloto, a parte mais meridional do Brasil estaria a não mais de 600 milhas até Malaca.

de especiarias trazida pelo único navio de regresso foi comprada pelo feitor dos Welser, Heinrich Ehinger. Após a sua chegada, logo foi equipada outra frota para o Arquipélago das Molucas e a empresa alemã foi convidada a participar, uma vez que o compromisso espanhol não era aparentemente suficiente. Jakob Fugger (1459-1525) antevia neste empreendimento a oportunidade de intervir de forma maciça no negócio oriental. Neste sentido, o historiador Wolfgang Reinhard<sup>22</sup> vê uma possibilidade de a casa comercial alemã Fugger estar directamente associada a esta expedição, tendo Cristóbal de Haro como seu representante.

Com estes mecenas e financiadores estava consumada a possibilidade de concretizar o tão ansiado projeto que retomava e trazia a público ideias já defendidas por Cristovão Colombo (1451-1506) ou Martim Behaim (1459-1507).<sup>23</sup> Também fora esta a opinião do humanista alemão Hieronymus Münzer (1447-1508),<sup>24</sup> na carta que endereçou ao rei D. João II (1455-1495), em 1493, sugerindo que o monarca português organizasse uma expedição que descobrisse o caminho marítimo para oriente navegando para ocidente, opinião que irá continuar a circular nos meios eruditos alemães, como o irá comprovar, por exemplo, o cosmógrafo Johann Schöner (1477-1547), quer no texto *Luculentissima quada*, quer no Globo (1515).<sup>25</sup>

Magalhães, possuidor de muita experiência e saber que recolheu na sua passagem pelo Oriente, também não ficou indiferente às ideias veiculadas pelos seus antecessores ao querer buscar um caminho para as ilhas das especiarias pela via ocidental. Daí a importância em saber como seria a biblioteca deste exímio nauta, questão lançada por Rui Loureiro por ocasião do quinto centenário do início da primeira viagem de circun-navegação do globo terrestre. Tendo em consideração as publicações coevas, poder-se-ia testemunhar quais os livros, e assim prováveis leituras, poderia ter possuído ou manuseado este distinto e bem informado navegador.<sup>26</sup> O projeto de Fernão de Magalhães estava bem alicerçado nas posições e informes do seu tempo, defendendo uma viagem pelo ocidente com base nos saberes propagados, também em escritos, pelos seus contemporâneos.

Com a concordância de Carlos I de Espanha e o apoio de Cristóbal de Haro em busca de um caminho para as Ilhas das Especiarias pela via ocidental, fora da zona de influência destinada a Portugal pelo Tratado de Tordesilhas, partiriam em setembro de 1519, as cinco embarcações ao serviço do rei de Castela, Carlos I, coroado em junho V imperador do Sacro Império Romano-Germânico, com 234 homens de oito nacionalidades em busca do arquipélago de Maluco.

No núcleo de letrados próximos do imperador, com uma função reconhecida nas negociações diplomáticas, mas também conhecido, e até associado, ao mundo dos negó-

<sup>22</sup> REINHARDT, Wolfgang - **Parasit oder Partner? Europäische Wirtschaft und neue Welt 1500-1800**, p. 27.

<sup>23</sup> LOUREIRO, Rui Manuel - *Buscar el levante por el poniente: Martin Behaim revisitado*, pp. 41-58; LOUREIRO - **Em demanda da biblioteca de Fernão de Magalhães**.

<sup>24</sup> Albuquerque, Luís de - **Guia náutico de Munique e Guia náutico de Évora**.

<sup>25</sup> VAN DUZER, Chet - **Johann Schöner's globe of 1515: transcription and study**.

<sup>26</sup> LOUREIRO, Rui Manuel - **Em demanda da biblioteca de Fernão de Magalhães**.

cios, encontrar-se-ia uma figura que virá a ter uma relevância inédita nas informações dadas sobre aquela que virá a ser a primeira circunavegação ao mundo. Trata-se de Maximiliano Transilvano (1490-1538), secretário do imperador Carlos V, casado com uma sobrinha de Haro e antigo ministro do Imperador Maximiliano, que esteve presente em Valladolid, quando Juan Sebastian Elcano e os restantes dezassete sobreviventes da expedição de Magalhães foram recebidos em setembro de 1522.-

Maximiliano Transilvano familiar com humanistas, como Pierre Giles e Cornelius Agrippa, mas também com cronistas da expansão como Petrus Martyr d'Anghiera, irá recolher nas semanas seguintes à chegada da *Vitoria* depoimentos junto destes nautas sobre a expedição. Com base nestes testemunhos oculares redige, em latim, um escrito sobre a viagem (Fig. 4). Este relato com o título *Moluccis insulis, itemq[ue] alijs pluribus mira[n]dis, quae nouissima Castellanorum nauigatio sereniss. imperatoris Caroli. V. auspicio suscepta, nuper inuenit*,<sup>27</sup> datado de 24 de outubro de 1522, vem a lume logo no início do ano de 1523, na Alemanha, mais precisamente na cidade de Colónia, conhecido centro editorial em língua latina, - mais tarde sairá nestes prelos a obra de Jerónimo Osório. Se esta primeira edição foi impressa em janeiro, logo em julho surgiria na cidade francesa de Paris para, em novembro do mesmo ano, ser editada na cidade italiana de Roma. Este círculo de edições já revela a profícua atividade editorial em torno desta obra, que viria assim ao encontro do interesse dos editores e potenciais leitores. No século XVI esta relação conheceu 13 edições em latim e italiano, tendo sido a primeira relação impressa a registar e divulgar informes sobre a expedição de Fernão Magalhães.

Com este escrito, redigido em forma de carta e dirigido ao seu mecenas cardeal-arcebispo de Salzburgo, Matthäus Lang (1469-1540), Maximiliano Transilvano<sup>28</sup> afiança, por um lado, a exigência do soberano espanhol às Molucas, por outro lado demonstra a sua competência como humanista, conhecedor de fontes e autoridades clássicas, sabendo avaliar cautelosa e prudentemente experiências e observações dos participantes da expedição com as orientações e declarações das autoridades clássicas. Que as ilhas do oriente asiático tivessem ficado desconhecidas, teria a ver, como formula, com o facto de os autores da antiguidade clássica terem divulgado informações fabulosas e até falsas, como as expressas por Heródoto ou Plínio. Em contrapartida, o cronista estaria em condições, devido às informações dos navegantes, de contrapor outras afirmações. Por isso, Maximiliano Transilvano pôde ser, nas palavras de Donald Lach: "informative, factual, and precise".<sup>29</sup> *De Moluccis insulis* foi, assim, para o público europeu o primeiro testemunho ocular acerca das ilhas das especiarias ao descrever as cobiçadas especiarias e a forma como seriam cultivadas, especialmente o cravo-da-índia nas Molucas. Ao serviço da glória imperial, o divulgador dos novos informes elabora um livro de memórias para a posteridade sem deixar de sublinhar o tributo empírico da expedição. Elaborado numa

<sup>27</sup> MAXIMILIAN, Transsilvanus - **De Moluccis insulis, itemq[ue] alijs pluribus mira[n]dis, quae nouissima Castellanorum nauigatio sereniss. imperatoris Caroli. V. auspicio suscepta, nuper inuenit.**

<sup>28</sup> RÁKÓCZI, István - Texto e paratextos à volta da viagem de Fernão de Magalhães. Maximilianus Transilvanus e VAGNON, Emmanuelle, Maximilianus Transilvanus et Pietro Martire d'Anghiera. Deux humanistes à la cour de Charles Quint, pp. 215-248.

<sup>29</sup> LACH, Donald - **Asia in the Making of Europe**, vol. I, p. 172.



Fig. 4 Maximiliano Transilvano, Roma 1523

[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Maximiliani\\_Transyluani\\_Caesaris\\_a\\_secretis\\_Epistola\\_Roma\\_1523.png](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Maximiliani_Transyluani_Caesaris_a_secretis_Epistola_Roma_1523.png)

retórica humanista, o escrito traduz a indagação aos marinheiros como um relevante momento da história europeia. A importância dada às novas informações poderá ser certificada na entrega que fez, juntamente com o texto, de algumas provas das especiarias, bem como de uma ave-do-paraíso, demonstração e sinal da veracidade e autenticidade do seu registo.

Recorrendo a conceitos e noções geográficas antigas para explicar a rota da frota de Magalhães aos seus interlocutores, conseguiu, sublinhando os erros e desconhecimento do passado, expor de modo evidente e espetacular a novidade, sem precedentes, das descobertas de Magalhães e Elcano.

Ao escrever em latim, Maximiliano Transilvano revela que se dirigiu a um grupo particular, a um público leitor instruído, posicionando-se, também ele, entre os círculos

humanistas. Quiçá, por isso, o relato de um outro elemento da armada, o italiano Antonio Pigafetta (1492-1524), tenha sido mais bem-sucedido e tenha tido mais impacto.<sup>30</sup> O escrito de Transilvano pode, contudo, familiarizar, em primeira mão, um grupo de interessados em dados geográficos e etnográficos, dando, à partida, informações essenciais acerca da primeira circunavegação. Por isso, e para além das edições já mencionadas, não deixaria de ser presença entre reconhecidos e exímios relatos de viagens na famosa coletânea da autoria de Giovanni Ramusio (1485-1557) *Delle navigationi et viaggi*.<sup>31</sup>

Tanto o relato de Maximiliano Transilvano, como o de Antonio Pigafetta, transformaram uma expedição trabalhosa e perturbada por rivalidades entre espanhóis e portugueses num acontecimento global, decisivo para o avanço científico, dando a conhecer rapidamente as suas descobertas. Como humanista ao serviço do império de Carlos V e membro da elite da corte, Maximiliano Transilvano foi, por assim dizer, um agente financeiro e cultural da expansão europeia do século XVI,<sup>32</sup> contribuindo com o seu relato, direta e indiretamente, para o desenvolvimento do saber coevo sobre o mundo natural oriental.

### III

Entre as mercadorias mais procuradas encontramos, evidentemente, as especiarias, motivo de muitas viagens e expedições. Assim, vários são os relatos de viagens, como o do mercador veneziano e autor da *Descrição do Mundo*, mais conhecido pelo *Livro das Maravilhas*, que deslumbraram a Europa medieval sequiosa de informes sobre os prodígios e a riqueza desse mundo a oriente. Num longo e intricado inventário das diferentes espécies asiáticas, Marco Polo (1254-1324) dá, na sua obra, informações sobre a singular proveniência, características e utilidade das famosas especiarias. Além da pimenta, a, entretanto, mais conhecida entre as especiarias asiáticas, Marco Polo fala do gengibre, e já do cravo e da noz-moscada, revelando-se surpreso com a abundância de espécies aromáticas e de muitas outras “cuja semelhança nunca vimos aquém do mar”.<sup>33</sup>

Apreciadas na Europa, as especiarias irão, pois, cruzar continentes. Trilhando longas e intrincadas rotas, estas espécies aportavam em cidades italianas, como Veneza, a terra natal de Marco Polo. Chegadas à Itália, eram distribuídas pelo Mediterrâneo e o Atlântico, que as levava até ao Norte da Europa, mormente à Inglaterra, ou até às cidades da Liga Hanseática. Era a chamada *galere de fiandra*. Mas também por terra, Veneza não deixava de fornecer ricas cidades comerciais como as do sul da Alemanha, também muito empenhadas neste apimentado negócio.

<sup>30</sup> PIGAFETTA, Antonio - A Viagem de Fernão de Magalhães. A relação de Antonio Pigafetta 1519-1522.

<sup>31</sup> RAMUSIO, Giovanni Battista - **Navigazioni e viaggi**.

<sup>32</sup> HÄBERLEIN, Mark - Maximilian Transylvanus. Fürstendienst, Finanzkapital und humanistische Gelehrsamkeit im Zeitalter Karls V.

<sup>33</sup> **Marco Paulo** - FERNANDES, Valentim (ed.) fol. 69r; LOPES, Marília dos Santos - **Ao cheiro desta Canela**.

A procura aumentava, pois, associadas ao bem-estar, ao prazer e ao luxo, as especiarias seriam ainda, cada vez mais, introduzidas na dieta alimentar, ressaltando-se igualmente as suas qualidades terapêuticas. Se a farmacologia oriental há muito fazia uso das qualidades medicinais destas espécies, produzindo medicamentos, pomadas, bebidas ou cheiros, os europeus poderiam a par e passo testar estes prodígios. Assim, viria a descobrir-se que a canela seria um bom remédio para a *angina pectoraris*, problemas de fígado ou dores de cabeça; o cravo seria excelente para dores de gangrena, fígado, tonturas, enquanto a noz-moscada seria um antidepressivo, juntamente com a canela.

As naus da viagem inaugural do caminho marítimo para a Índia viriam a trazer não apenas as tão procuradas especiarias, como também notícias das suas proveniências. Num dos anexos do relato desta primeira viagem, o seu presumível autor, Álvaro Velho, regista que as especiarias não seriam todas indígenas da costa do Malabar. Se a pimenta seria originária de diferentes terras do Malabar, por exemplo, a canela viria da ilha do Ceilão, enquanto, o comércio de cravo e de noz-moscada se faria em Malaca.

Estas novas, como sabemos, propagar-se-iam rapidamente pela Europa. Não propriamente através do escrito de Álvaro Velho, que ficaria manuscrito, mas através das epístolas de D. Manuel I (1469-1521) ou das missivas dos mercadores italianos, que atentamente acompanhavam os avanços da empresa marítima portuguesa. Relatos como os do mercador florentino, Girolami Sernigi, traçavam um retrato dos negócios do Oriente e, à semelhança de Álvaro Velho, informavam sobre o ambiente comercial de Calecute, onde se encontraria a canela, a pimenta, o cravo, o gengibre, entre outras mercadorias. Senhor de todas estas especiarias e mercadorias, o rei de Portugal, aos olhos do mercador Tomaso Deti, teria encontrado o maior tesouro do mundo.<sup>34</sup>

Com estas conquistas torna-se crescente a busca de mais informes sobre a natureza oriental. Nota-se um maior cuidado na identificação e descrição das espécies asiáticas, pois trata-se de inseri-las num discurso mais rigoroso e, se possível, científico, um fruto do trabalho dos nautas e viajantes ao se debruçarem sobre a botânica oriental, como irá acontecer com a expedição de Magalhães, capaz de contribuir para o seu conhecimento e transação.<sup>35</sup>

As informações propagar-se-ão primeiramente em mapas, como o planisfério de Cantino (1502) ou os de Martin Waldseemüller (1509 e 1516),<sup>36</sup> que assim fornecem descrições mais precisas das terras e mares do Oriente, onde naturalmente também se informa sobre os recursos naturais, entre eles, as especiarias.

Alguns anos mais tarde, um substancial número de cartas e relatos confirmam uma recolha sistemática de informação, como seja os de Tomé Pires (1468-1540) e de Duarte Barbosa (1480-1521). Ambos residentes na Ásia, e conhecedores das línguas locais, vão contribuir com observações cuidadosas e consistentes para a inventariação e classificação

<sup>34</sup> LOPES, Marília dos Santos - **Ao cheiro desta canela. Notas para a história de uma especiaria rara.**

<sup>35</sup> VARGAS, Pablo Gómez - **En búsqueda de las especias. Las plantas de la expedición Magallanes-Elcano (1519-1522).**

<sup>36</sup> VAN DUZER, Chet - **Martin Waldseemüller's 'Carta marina' of 1516 Study and Transcription of the Long Legends.**

do mundo natural oriental. O boticário Tomé Pires compilará um dos primeiros tratados de geografia, escrito entre 1512 e 1515 e a obra de Duarte Barbosa, feitor e viajante, datará de 1516. Tanto a *Suma Oriental* de Tomé Pires, como o *Livro das coisas que viu no Oriente* constituem valiosos compêndios acerca da variedade e importância do mundo natural.<sup>37</sup>

Estes relatos testemunham, desde já, a existência de um importante manancial de informações sobre o mundo natural asiático no Império Português. Ambos os escritos viriam a ter difusão na Europa, através da sua publicação na grande coletânea de viagens da autoria de Giovanni Ramusio. Nas palavras do ilustre historiador Luís de Albuquerque “Os dois escritos, o de Barbosa e o de Tomé Pires, são na verdade fontes de informação insubstituíveis, e bem o compreendeu Ramusio, que verteu ambos para italiano e os inseriu na sua famosa colectânea.”<sup>38</sup> As *Navigazioni e Viaggi* pretendiam reconstruir uma imagem do mundo à escala planetária e tal exercício só seria possível recorrendo a obras como estas plenas de vivências e experiências pessoais e de um vasto saber sobre as características e qualidades da prosa do mundo.

Duarte Barbosa, por exemplo, lega um importante testemunho sobre o cravo-da-índia, espécie que teve oportunidade de ver nas Molucas:

O mato destas ilhas é tudo cravo que nasce em umas árvores como loureiros; tem a folha como de medronho.

O mesmo cravo nasce em pinhas, como flor de laranja ou madressilva; nasce muito verde, depois se torna alvo; quando é maduro se torna vermelho muito fino. De maneira que então o anda colhendo à mão pelas árvores a gente mesmo da terra e o lança a secar ao sol onde se faz preto; se não há sol, em fumeiros o secam. Depois que é muito seco o rociam com uma pouca de água salgada para que não se desfaça e que se mantenha em sua virtude.<sup>39</sup>

Recorrendo na sua descrição à semelhança, em consonância com o homem de Quinhentos numa primeira e ansiada leitura do mundo, o *Syzygium aromaticum* seria uma árvore como a dos loureiros, as suas folhas semelhantes às do medronho, e as flores como a da laranja ou madressilva. Esta descrição do cravo-da-índia, integra-se assim na inesperada e imprevisível descoberta das espécies orientais que Duarte Barbosa delineia no seu livro, verdadeiro inventário da flora recém-descoberta.<sup>40</sup>

Fernão Magalhães conhecia estas obras, e como homem experiente do Oriente, tinha informações privilegiadas sobre a riqueza e grandeza daquelas terras, fornecidas em especial pelo seu amigo e companheiro de expedições, Francisco Serrão, mareante este que se viria a fixar nas ilhas das especiarias.<sup>41</sup>

<sup>37</sup> PIRES, Tomé - *A Suma oriental de Tomé Pires e o livro de Francisco Rodrigues*; BARBOSA, Duarte - *Livro do que viu e ouviu no Oriente*.

<sup>38</sup> Cit. BARBOSA, Duarte - *Livro do que viu e ouviu no Oriente*, p. 175.

<sup>39</sup> BARBOSA - *Livro do que viu e ouviu no Oriente*, p. 153.

<sup>40</sup> LOPES, Marília dos Santos - *A Revelação das Plantas*. Garcia da Orta, Carolus Clusius e as espécies asiáticas na Europa, p. 11-27.

<sup>41</sup> ORTA, Garcia de Orta - *Colóquios*, vol. I, pp. 370-71.



Um dos relatores da expedição, Antonio Pigafetta virá a ter um papel decisivo sobre a expedição de Magalhães e Elcano, também no que respeita aos seus informes sobre o cravo e a noz-moscada.<sup>42</sup> No seu escrito, o cravo será a espécie mais citada, exatamente cinquenta e quatro vezes, sendo este o grande carregamento a bordo da nau *Vitória* quando chegou a Sevilha. Poder-se-á, pois, ler no seu relato:

Neste dia de domingo, desloquei-me a terra para ver como nasce o cravo-da-índia. A árvore é alta e mais ou menos grossa, como um homem de um lado ao outro do corpo. Os seus ramos estendem-se em largura ao meio, mas na ponta fazem uma espécie de cimo. A folha é como a de um loureiro e a casca tem a cor escura do tanino. O cravo vem ao cimo dos ramos, aos 10 ou 20 juntos. Estas árvores formam-se quas sempre mais de um aldo do que de outro, segundo a disposição do tempo. Quando o cravo nasce, ele é branco, os maduros são vermelhos e os secos negros. Colhem-se duas vezes por não, uma no Natal e a outra no São João Batista, porque nestes períodos o ar está mais temperado, mas mais no Natal. Quando o ano é mais quente e há menos chuvas, colhe-se o cravo, ou seja 300 ou 400 *bahars* em cada uma destas ilhas. Ele só cresce nos montes. E se plantarmos uma destas árvores numa planície perto dos montes, ela morre. A sua folha, a casca e os ramos verdes são tao fortes como o cravo, o qual, se não for colhido quando está maduro, torna-se tão grande e duro que só se aproveita a casca. No mundo só crescem outros bons cravos em cinco montes destas cinco ilhas, excetuando que se encontram alguns em Jailolo e numa pequena ilha chamada Mare, que está entre Tidore e Moti, mas esses não são bons.<sup>43</sup>

Não só descreve o cravo, como ainda a noz-moscada:

Nestas ilhas encontram-se algumas árvores de noz-moscada, que são como as nossas nogueiras, com as mesmas folhas. Quando se colhe a noz, ela é gorda como um pequeno marmelo, tendo uma pele e uma cor semelhante; a primeira pele é grossa como a verde da nossa noz, e por baixo uma pequena pele fina, debaixo da qual está a maçã, muito vermelha, formada à volta da casca da noz, e debaixo desta encontra-se a noz-moscada.<sup>44</sup>

Mas já Maximiliano Transilvano também na sua obra tinha descrito o cravo destacando que seria no quarto ano que a produção alcançava maior abastança, e que as suas árvores tenderiam a crescer apenas em penhascos íngremes e seriam de tal modo espessas que formariam um bosque. As suas folhas seriam semelhantes às do loureiro, como já Barbosa o tinha mencionado. Acrescenta ainda que o cravo, no topo do tronco, apresenta a cor vermelha no início, mas que se irá torna-se escuro com o sol.<sup>45</sup>

<sup>42</sup> CARVALHO, Teresa Nobre — Registos da natureza exótica no relato de António Pigafetta, pp. 57-80.

<sup>43</sup> PIGAFETTA, Antonio - *A Viagem de Fernão de Magalhães. A relação de Antonio Pigafetta 1519-1522*, pp. 205-206.

<sup>44</sup> PIGAFETTA - *A Viagem de Fernão de Magalhães. A relação de Antonio Pigafetta 1519-1522*, p. 207.

<sup>45</sup> MAXIMILIAN, Transilvanus - *De Moluccis insulis, itemq[ue] alijs pluribus mira[n]dis, quae nouissima Castellatorum nauigatio sereniss. imperatoris Caroli. V. auspicio suscepta, nuper inuenit*

Com estes testemunhos, a expansão territorial da expedição de Magalhães irá, assim, contribuir para o desenvolvimento da botânica. Não será, pois, de surpreender que as notícias se propaguem e que muito rapidamente circulem nas edições de livros de botânica. Como o cartógrafo Sebastian Münster corrigiu e retificou a par e passo a posição dos autores da Antiguidade Clássica, também os botânicos humanistas o pretendem fazer. Na sua edição de *Historia Plantarum*, do ano 1541, com base em Dioscórides, Teofrasto e Plínio, entre outros, o botânico alemão Conrad Gessner (1516-1565) já introduziu uma entrada ao *cardamomum* com informações sobre o cravo-da-índia.<sup>46</sup>

Entre os primeiros ecos, poder-se-á ainda referir o *Kräuterbuch* do médico e botânico alemão Adam Lonitzer (1528-1586), discípulo de Conrad Gessner, como o primeiro livro a introduzir, em 1551, uma imagem gráfica do cravo (Fig. 5), acompanhado curiosamente, de um saco, talvez de juta, bem cheio, numa possível alusão à riqueza e ao negócio que as transações com o Oriente, e esta especiaria em especial, significavam.<sup>47</sup>

Tratava-se de informações cruciais para a produção do conhecimento coevo, como o frontispício da obra de Adam Lonitzer dá conta (Fig. 6). Numa imagem representativa do valor e significado das plantas para a ciência do mundo natural, poder-se-á ver representados desde o plantio à colheita, bem como ainda a farmacopeia, com os experimentos de diversos xaropes, entre outros, representados pela destilação de alguns sucos, para a medicina, como se infere através do doente, deitado na cama. Ressaltando um permanente diálogo entre especialistas, a imagem salienta o decisivo e valioso significado que estas viagens tinham para o desenvolvimento do saber científico em torno do mundo natural.

Um dos compêndios mais decisivos na construção de um novo discurso sobre as plantas e drogas asiáticas é, sobremaneira, a obra de Garcia de Orta (1500?- 1568). Sabemos que, ao partir para a Índia, Orta leva na sua bagagem intelectual uma formação académica em medicina nas Universidades de Salamanca e de Alcalá de Henares. Ou seja, Orta não é um simples viajante; ele é um viajante erudito. Sem deixar de se fundamentar no saber herdado, Orta vai recorrer à observação *in loco*. Entre os viajantes era um erudito; entre os eruditos, era um viajante. Assim dos que viram, distinguiu-se pelo que tinha lido, dos que leram pelo que tinha visto, como bem salientou o Conde Ficalho.

Detentor de uma importante biblioteca, o autor revela uma longa lista de leituras, que se podem testemunhar nas inúmeras citações e referências feitas, a que se irão juntar as recolhas *in loco*. Na Idade Média os autores não teriam ousado criticar ou negar os informes dos chamados autores antigos. A confiança vem-lhe da experiência e da própria observação: “e isto sei eu muyto bem sabido como testemunha de vista”.<sup>48</sup>

Este intento está expresso no seu título. Colóquios entre o doutor Ruano, o ex-aluno de Salamanca, o erudito, que sabe de cor Dioscórides, Plínio, entre outros, e Orta o viajante, o observador que, inabalável, afirma: eu vi. Duas facetas do saber defendido por Garcia de Orta expostas, de uma forma criativa e inteligente, numa obra exemplar.

<sup>46</sup> GESNER, Conrad - *Historia plantarum*, p. 33.

<sup>47</sup> LONITZER, Adam - *Kräuterbuch, kunstliche Conterfeytunge der Bäume, Stauden, Hecken*, p.

<sup>48</sup> ORTA, Garcia de Orta – *Colóquios*, vol. II, p. 246.



Fig. 5: Adam Lonitzer, cravo

[https://books.google.pt/books?id=M\\_RIAAAAcAAJ&pg=PR339-IA1&lpg=PR339-IA1&dq=lonitzer+adam++caryophyllon&source=bl&ots=CM5oA3Oa-h&sig=ACfU3U1XucW-zzVLunsmhr9wSwrmdLtjA&hl=de&sa=X&v](https://books.google.pt/books?id=M_RIAAAAcAAJ&pg=PR339-IA1&lpg=PR339-IA1&dq=lonitzer+adam++caryophyllon&source=bl&ots=CM5oA3Oa-h&sig=ACfU3U1XucW-zzVLunsmhr9wSwrmdLtjA&hl=de&sa=X&v)



Fig. 6: Adam Lonitzer, frontispício

[https://de.wikipedia.org/wiki/Adam\\_Lonitzer#/media/Datei:Frontispiece\\_Kreuterbuch\\_of\\_Lonitzer\\_1577.jpg](https://de.wikipedia.org/wiki/Adam_Lonitzer#/media/Datei:Frontispiece_Kreuterbuch_of_Lonitzer_1577.jpg)

Foi a oportunidade de viajar e de ver *ad vivum* que lhe deu a possibilidade de contradizer os antigos e de criar um novo discurso, atualizando o saber coevo sobre as diferentes espécies. Nos meados do século XVI já não é possível continuar a repetir lugares-comuns sobre a história natural do Oriente, uma vez que homens como Orta, conhecedores, a podem ver e ler com os seus próprios olhos. Orta tem o maior respeito, pelos autores da antiguidade, mas não se inibe de elaborar a sua avaliação perante a prosa do mundo. Organizado por ordem alfabética, apresentava dados detalhados sobre cada produto: a sua origem, utilização, preço, mercados, rotas de distribuição e aplicações terapêuticas. Daí que o livro de Garcia da Orta assinala uma viragem no conhecimento das espécies orientais - e assim vai ser reconhecido e admirado por toda a Europa, pelo que o seu impacto não vai deixar de influenciar a produção europeia sobre o mundo natural. Para isso irá contribuir sobremaneira a tradução de Carolus Clusius.<sup>49</sup>

No seu capítulo sobre o cravo Orta irá aludir aos usos e conhecimentos da mais procurada especiaria, que nasceria única e exclusivamente nas cinco ilhas das Molucas. Irá naturalmente referenciar Fernão Magalhães, embora sem mencionar o nome, aludindo a um português a quem “entrara o demónio”, justificando assim o facto de este ter saído de Portugal.<sup>50</sup>

Através destes exemplos podemos verificar como o saber acerca do mundo natural, exposto e comprovado pela expedição de Magalhães veio a ter fortes repercussões no saber europeu sobre a flora asiática, e as especiarias em particular. Não se poderá, todavia, deixar de referenciar que também se fizeram ouvir fortes críticas formuladas em compêndios de botânica sobre o comércio de especiarias e sobre a introdução destas espécies na Europa, objetando a realização de tão dispendiosas e difíceis expedições quando se poderia recorrer a plantas locais, igualmente lucrativas e deliciosas.<sup>51</sup>

Se o seu conhecimento iria dissipar fábulas e mitos em torno das especiarias, pondo em causa representações antigas, a cultura do renascimento europeu muito ficará a dever à expedição Magalhães-Elcano em relação às especiarias chamadas de luxo, como eram o cravo e a noz-moscada, especiarias estas que, como sabemos, não deixariam de ser ao longo de mais de um século, ao longo do século XVII, a mercadoria mais representativa do comércio entre o Oriente e o Ocidente.

A expedição de Fernão de Magalhães finaliza, por assim dizer, um ciclo de conhecimento *ad vivum* sobre as especiarias e, como se procurou demonstrar, este processo envolveu nautas, populações locais, viajantes, intelectuais e letrados de diferentes nacionalidades europeias, interligados num mesmo interesse, numa mesma busca: chegar às terras de origem das mais procuradas espécies orientais e difundir informes sobre elas, indiferentemente se fossem humanistas ou homens da experiência.

---

<sup>49</sup> LOPES, Marília dos Santos - A Revelação das Plantas. Garcia da Orta, Carolus Clusius e as espécies asiáticas na Europa.

<sup>50</sup> ORTA, Garcia de Orta – **Colóquios**, vol. I, pp. 361-62.

<sup>51</sup> É o caso, por exemplo, de Hieronymus Bock - **Kräutterbuch**, 1630.

## Bibliografia

- ALBUQUERQUE, Luís de - **Guia náutico de Munique e Guia náutico de Évora**. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos, 1992.
- BARBOSA, Duarte, **Livro do que viu e ouviu no Oriente**. Ed. Luís de Albuquerque. Lisboa: Publicações Alfa, 1989.
- BOCK, Hieronymus - **Kräutterbuch Weylandt des Weitberhümmten undt Hoherfharnen Herren Hieronymi Tragi, genant Bock: [Auff Vielfaltiges begeren und freundliches ersuchen Mit vleiss übersehen, und mit der Kräutter zunamen, der Namen ursachen, qualiteten, deren gradibus, gebrauch in den Apotecken, und sehr vielen innerlichen und eusserlichen experimentis gemheret und gebessert**. Strassburg: In verlegung Wilhelm Christian Glasers, 1630.
- BURMEISTER, Karl Heinz. - **Sebastian Münster**. Wiesbaden: Pressler, 1964.
- BRIEFE Sebastian Münsters**, Ingelheim am Rhein: C.H. Boehringher Sohn, 1964.
- CARVALHO, Teresa Nobre - The depictions of the spice that circumnavigated the globe. The contribution of Garcia de Orta's Colóquios dos Simples (Goa, 1563) to the construction of an entirely new knowledge about cloves, in: **Abriu. Estudos de Textualidade do Brasil, Galicia e Portugal**, 6, pp. 187-212.
- CARVALHO, Teresa Nobre – Registos da natureza exótica no relato de António Pigafetta. In: Vitor Gaspar Rodrigues e Ana Paula Avelar (Coord.) - **Fernão de Magalhães e o Conhecimento dos Oceanos**. Lisboa: Academia da Marinha, 2020, pp. 57-80. ISBN: 9789727811601.
- FRACANZANO DA MONTALBODDO - **Paesi novamente ritrovati t novo mondo da Alberico Vesputio florentino intitulado**, Vicencia, 1507.
- GARCIA, José Manuel - **A viagem de Fernão de Magalhães e os Portugueses**. Lisboa: Editorial Presença, 2007. ISBN 978-972-23-3751-9.
- GARCÍA, José Manuel - **Fernão de Magalhães: herói, traidor ou mito. A história do primeiro homem a abraçar o mundo**, Barcarena: Manuscrito, 2019. ISBN 978-989-8975-25-6.
- GESNER, Conrad - **Historia plantarum et vires ex Dioscoride, Paulo Aegineta, Teophrasto, Plinio et recentioribus Graecis, juxta elemantum ordinem per Conradum Gesnerum**. Basileae: R. Vuynter, 1541.
- GUERREIRO, Inácio, coor. - **A epopeia das especiarias**, Lisboa: Ed. Inapa, 1999. ISBN 972-8387-52-0.
- HÄBERLEIN, Mark - Maximilian Transylvanus: Fürstendienst, Finanzkapital und humanistische Gelehrsamkeit im Zeitalter Karls V. In: **Geschichte(N) Des Wissens**. HÄBERLEIN, Mark, PAULUS, Stefan, WEBER, Gregor (Ed.), Augsburg: Wissner, 2015, pp. 381-395. ISBN 978-3-95786-038-5.
- HANTZSCH, Viktor - **Sebastian Münster: Leben, Werk, wissenschaftliche Bedeutung**. Nieuwkoop: B. de Graaf, 1965.
- KRISTELLER, Paul O., & KESSLER, Eckhardt - **Humanismus und Renaissance**, München: Wilhelm Fink Verlag, 1980.
- HANENBERG, Peter - Portugal and the Early Modern discourse on Europe. In: **Contesting Europe: comparative perspectives on Early Modern discourses on Europe, 1400/1800**, ed.

DETERING, Nicolas, MARSICO, Clementina and WALSER-BURGLER, Isabella. Leiden, Boston: Brill, 2019. pp. 191-210. ISBN 978-90-04-41471-6.

LACH, Donald F. - *Asia in the making of Europe. Volume I*, Chicago: University of Chicago Press, 1994. ISBN 978-0226467313.

LOBATO, Manuel, O Cravo, as Molucas e os Portugueses. In: GUERREIRO, Inácio, coor - **A epopeia das especiarias**. Lisboa: Ed. Inapa, 1999, pp.104-131. ISBN 972-8387-52-0.

LONITZER, Adam, **Kräuterbuch, künstliche Conterfeytunge der Bäume, Stauden, Hecken**. Zu Franckfurt am Mayn: bey Christian Egenolffs Erben, 1551.

LOPES, Marília dos Santos - Os Descobrimentos Portugueses e os novos horizontes do saber nos discursos alemães dos séculos XVI e XVII, In: **Revista do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa**, ICALP, 1987, N°7/8, 28-40.

LOPES, Marília dos Santos - Portugal: Uma fonte de novos dados. A recepção dos conhecimentos portugueses sobre África nos discursos alemães dos séculos XVI e XVII. In: **Mare Liberum**, (1) 1990, pp. 205-308.

LOPES, Marília dos Santos - **Coisas maravilhosas e até agora nunca vistas. Para uma iconografia dos descobrimentos**. Lisboa: Livros Quetzal, 1998. ISBN 972-564-360-7.

LOPES, Marília dos Santos - Os Descobrimentos Portugueses e a Europa. In: **Máthesis**, (9) 2000, pp. 233-241.

LOPES, Marília dos Santos - **Ao cheiro desta canela. Notas para a história de uma especiaria rara**. Lisboa: Montepio Geral/Público, 2002. ISBN: 9789728179465.

LOPES, Marília dos Santos - **Da descoberta ao saber. Os conhecimentos sobre África na Europa dos séculos XVI e XVII**. Viseu: Passagem Editores, 2002. ISBN 972-98770-1-7.

LOPES, Marília dos Santos - A Revelação das Plantas. Garcia da Orta, Carolus Clusius e as espécies asiáticas na Europa. In: **RC Revista de Cultura**, 20 (2006), pp. 11-27.

LOPES, Marília dos Santos - “From Discovery to Knowledge. Portuguese Maritime Navigation and German Humanism”. In: BERBARA, Maria and ENENKEL, Karl A. E. coor - **Portuguese Humanism and the Republic of Letters**. Leiden: Brill, 2012, pp. 425-446. ISBN: 978-90-04-21721-8.

LOPES, Marília dos Santos - Para uma Suma do Saber: a Cultura do Humanismo no Renascimento. In: **Gaudium Sciendi** 1 (2012), pp. 79-87.

LOPES, Marília dos Santos - **Writing new worlds. The cultural dynamics of curiosity in early modern Europe**. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2016. ISBN 978-1443890304.

LOPES, Marília dos Santos - “Portugal e a visibilidade do mundo (sec. XV e XVI)”. In: **Ao tempo de Vasco Fernandes. Habitar os/nos séculos XV e XVI**, Viseu, Portugal: DGPC - Museu Nacional Grão Vasco, 2016, pp. 101-116. ISBN 978-972-776-472-3.

LOPES, Marília dos Santos - Importing Knowledge: Portugal and the Scientific Culture in Fifteenth and Sixteenth Century’s Germany. In: HORST, T., LEITAO, H., & LOPES, Marília dos Santos, coor - **Renaissance craftsmen and humanistic scholars circulation of knowledge between Portugal and Germany**, Frankfurt: Peter Lang, 2017, pp. 73-89. ISBN 978-3-631-68113-8.

- LOPES, Marília dos Santos e HANENBERG, Peter - Herança Clássica, os Descobrimentos Portugueses e o Humanismo Alemão. In: **Máthesis** 13 (2004), 291-302.
- López De GÓMARA, Francisco - **Historia General de las Indias**, 2 vols, Barcelona: Iberia, 1965.
- LOUREIRO, Rui - As fontes do projecto de navegação de Fernão de Magalhães. In: **Abriu. Estudos de Textualidade do Brasil, Galicia e Portugal**, 8, pp. 35-67.
- LOUREIRO, Rui - Fernão Magalhães em Portugal. In: **Medio Orbe (II). Personajes y avatares de la I Vuelta al Mundo. Actas del II Congreso Internacional sobre la I Vuelta al Mundo**, Sevilha, 2017, pp. 19-30.
- LOUREIRO, Rui - **Em demanda da biblioteca de Fernão de Magalhães**. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2019. ISBN 9789725656525.
- LOUREIRO, Rui Manuel - Buscar el levante por el poniente: Martin Behaim revisitado, in: **Cuadernos Hispanoamericanos**, 2019, pp. 41-58.
- MARCO Paulo**, ed. Valentim Fernandes, 1502, Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1922.
- MAXIMILIAN, Transilvanus - **De Moluccis insulis, itemq[ue] alijs pluribus mira[n]dis, quae nouissima Castellanorum nauigatio sereniss. imperatoris Caroli. V. auspicio suscepta, nuper inuenit**. Coloniae: Eucharij Ceruicorni, 1523.
- MONTALBODDO, Fracanzano da - **Paesi novamente retrovati et novo mondo da Alberico Vesputio florentino intitulado**, Vicentia, 1507.
- MORUS, Thomas - **Utopia: Estudo introdutório à Utopia Moriana** por José V. de Pina Martins. Lisboa: FCG, 2006.
- MOSER, Fernando de Mello - **Tomás More e os caminhos da perfeição humana**. Lisboa, Vega, 1982.
- MOUT, Marianne E. H. N. - **Die Kultur des Humanismus Reden, Briefe, Traktate, Gespräche von Petrarca bis Kepler**, München: Beck, 1998. ISBN 9783406433979.
- MÜNSTER, Sebastian, & PIRCKHEIMER, W - **Geographia vniversalis: vetus et nova**. Basileae: Henricum Petrum, 1540.
- MÜNSTER, Sebastian - **Cosmographia: Beschreibung aller Lender durch Sebastianum Munsterum in welcher begriffen, aller Völker Herrschafften, Stetten, und namhafftiger flecken, herkommen: Sitten, Gebreüch, Ordnung, Glauben, Secten, und Hantierung, durch die gantze Welt, und fürnemlich Teütscher Nation, was auch besonders in jedem Landt gefunden unnd darin beschehen sey, alles mit Figuren und schönen Landt Tafeln erkleret, und für Augen gestelt**. Basel: Heinrich Petri, 1544.
- ORTA, Garcia da, **Colóquios dos simples e drogas de India**. ed. FICALHO, Conde de, 2 vols, Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1987.
- PIRES, Tomé - **A Suma oriental de Tomé Pires e O livro de Francisco Rodrigues**. ed. CORTEZÃO, Armando, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1978.
- REINHARDT, Wolfgang - **Parasit oder Partner? Europäische Wirtschaft und neue Welt 1500-1800**, Münster: Lit 1997.

RÁKÓCZI, István - Texto e paratextos à volta da viagem de Fernão de Magalhães. Maximilianus Transilvanus. In: GRAZIANI, Michela, CASETTI, Lapo e VUELTA GARCIA, Salomé (ed.), **Nel segno di Magellano tra terra e cielo. Il viaggio nelle arti umanistiche e scientifiche di lingua portoghese e di altre culture europee in un'ottica interculturale**, Firenze: University Press, 2012, pp. 103-117. ISBN 978-88-5518-468-7.

RAMUSIO, Giovanni Battista - Navigazioni e viaggi, ed MILANESI, Marica, Torino: Einaudi, 1978.

RODRIGUES, Vítor Gaspar e AVELAR, Ana Paula (Coord.) - **Fernão de Magalhães e o Conhecimento dos Oceanos**. Lisboa: Academia da Marinha, 2020. ISBN: 9789727811601

RUCHAMER, Jobst - **Neue vnbekante Landte und ein neue Weltte in kurtz vergangener Zeythe erfunden. Und durch mich Georgen Stüchssen zu Nüreinbergk, gedrückte vnd volente nach Christi ... geburdte**, Nürnberg, 1508.

PIGAFETTA, Antonio - **A Viagem de Fernão de Magalhães. A relação de Antonio Pigafetta 1519-1522**. ed. CHANDEIGNE, Michel. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2020.

RODRIGUES, Vítor e AVELAR, Ana Paula, coor - **Fernão de Magalhães e o conhecimento dos oceanos**. Lisboa: Academia de Marinha, 2021. ISBN 9789727811601.

THOMAZ, Luís Filipe - **A rota das especiarias**. Lisboa: Edições Inapa, 1989. ISBN 9789729019098.

VAGNON, Emmanuelle, Maximilianus Transylvanus et Pietro Martire d'Anghiera. Deux humanistes à la cour de Charles Quint. In: Anais de História de Além-Mar, XX, 2019, pp. 215-248.

VAN DUZER, Chet - **Johann Schöner's globe of 1515: transcription and study**. Philadelphia: PA, American Philosophical Society, 2010. ISBN 978-1-60618-005-1.

VAN DUZER, Chet - **Martin Waldseemüller's 'Carta marina' of 1516 Study and Transcription of the Long Legends**, ebook: Springer International Publishing, 2020. ISBN: 978-3-030-22702-9.

VARGAS GÓMEZ, Pablo (Ed.) - **En búsqueda de las especias. Las plantas de la expedición Magallanes-Elcano (1519-1522)**, Madrid: CSIC, 2020. ISBN 978-8413520247.

VARTHEMA, Ludovico di - *Itinerario di Lodovico Barthema in Arabia, in India e nell' Asia sudorientale*, in & RAMUSIO, Giovanni B.- **Navigazioni e viaggi [di] Gian Battista Ramusio**, ed. Marica Milanese, 1 vol., Torino: Giulio Einaudi Editore, 1978.

VARTHEMA, Lodovico de: **Die Ritterlich und lobwirdig rayß des gestrengen und über all ander weyt erfahren ritters und Lantfarers herren Ludowico vartomans von Bolonia Sagent von den landen Egypto Syria von bayden Arabia Persia Jndia Und Ethiopia von den gestalten syten und dero menschen leben und gelauben**, Augsburg, 1515.

WARNCKE, Carsten-Peter – **Sprechende Bilder- sichtbare Worte. Das Bildverständnis in der frühen Neuzeit**, Wiesbaden: Harrassowitz, 1987. ISBN 3447027258.

WESSEL, Günther - **Von einem, der daheim blieb, die Welt zu entdecken die Cosmographia des Sebastian Münster oder wie man sich vor 500 Jahren die Welt vorstellte**, Ingelheim: Leinpfad Verlag, 2017. ISBN 978-3945782309.

WUTTKE, Dieter - **German Humanist Perspectives on the History of Discovery 1493-1534** (= Cadernos do CIEG, nº 27). Coimbra: Minervacoimbra, 2007. ISBN 978-989-8007-07-0.